

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Redacção e Administração:

L. Franco Castelo Branco, 30.

Director e Editor — Antonino Dias de Castro

Composição e Impressão:

Tip. Minerva Vimaranesense.

O 1.º de Dezembro, data gloriosa e evocadora do maior acontecimento nacional e político da nossa História, foi saudado pela Tuna da Associação de Soc. Mútuos Artística Vimaranesense, percorrendo as ruas da cidade, na noite de quinta-feira. Visitou a Câmara Municipal, tendo sido recebida pelo seu presidente, sr. dr. João Rocha dos Santos, que, com a presença de três dos componentes da Tuna, levantou um «viva a Pátria!», sendo correspondido com entusiasmo. E igual visita fez ao quartel da G. N. R., aonde o seu digno Comandante, sr. Tenente Amadeu Calejo, disse umas palavras sobre o que foi aquela madrugada do 1.º de Dezembro de 1640.

Leão Martins, o amigo de sempre e bom vimaranesense, veio até à nossa Redacção, de visita. Teve para o nosso jornal palavras de justiça e de incitamento, que muito nos penhorou. Ao ilustre e brilhantíssimo espírito, ao poeta da sítira fina e delicada, os nossos sinceros cumprimentos.

Homenagem cheia de justiça é aquela que o nosso colega local «O Comércio de Guimarães» presta, no seu último número de terça-feira, ao benemérito investigador do nosso passado, sr. João Lopes de Faria. Bem a merece, pois, quem tão bem tem posto o seu talento e os seus estudos ao serviço de Guimarães, fazendo luz sobre a história vimaranesense. Desinteressadamente trabalhando, longos e longos anos debruçado sobre velhos alfarrábios e pergaminhos, o investigador apaixonado e cauteloso, teve, há pouco, a consagração dos seus méritos. Prestou-lha o Governo, condecorando-o com as insígnias da Ordem de S. Tiago. Os vimaranesenses, prestando homenagem ao homem de estudo que é o sr. João Lopes de Faria, cumprem o seu dever. A ela nos associamos do coração, enviando ao vimaranesense honrado e digno as nossas mais efusivas saudações.

Má dias, chamaram a nossa atenção para a indecente e vergonhosa carroça que transporta as malas do correio da Estação Telégrafo-Postal para a Estação do Caminho de Ferro. De facto, o referido veículo é mais apropriado para o transporte de lixo — fora de barreiras — devendo, portanto, ser substituído o mais breve possível. Ao digno chefe da nossa Estação Telégrafo-Postal pedimos as devidas providências.

Os cães continuam a ser mortos com veneno. Mais uma vez chamamos a atenção das autoridades para este caso, que será um processo muito cómodo para fazer a extinção destes animais, mas que é — como já temos dito — nada próprio duma terra que gosa de fama de civilizada. Da Direcção da Sociedade Protectora dos Animais só podemos contar com a boa-vontade de que isto acabe, e por isso, recorremos aos srs. Presidente da Câmara e Administrador do Concelho. Dispensar a devida protecção aos animais também faz parte das boas virtudes.

O Natal dos Pobrezinhos

Dar aos pobres é emprestar a Deus, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana. Quem tem passado junto da porta da nossa Redacção terá verificado o grande número de almas que a toda a hora se abeiraram de nós, implorando, humildes e tristes, para que não nos esqueçamos delas na Ceia Santa do Natal de Jesus!

E são tantas, tantas!, a pedirem com lágrimas nos olhos um bocado de pão para a boca, que o «Notícias de Guimarães» resolveu abrir, nas suas colunas, uma subscrição a favor dos Pobrezinhos, levando-lhes — na grande, evoca-

dora Festa da Família — mais um pouco de alegria aos seus lares sem pão e sem lume. Migalhas é pão! — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola — pequena embora — para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste e enxugar muitas lágrimas envergonhadas.

Lançamos este nosso apêlo em nome da Caridade, certos de que todos — ricos e remediados — o escutarão, concorrendo connosco para que o Natal dos Pobrezinhos tenha a bênção de Jesus na Sua Festa Natalícia.

* *

Redacção do «Notícias de Guimarães». 50\$00

Aspirações Humanas

Os povos caminham para uma mais perfeita solidariedade humana, mesmo sob diferentes ideologias políticas e sociais. O homem, hoje, sente-se outro, vê-se outro, porque a democracia e a civilização fizeram dêle um cidadão livre e independente, e não um escravo sujeito aos rigores anti-sociais dos séculos passados, vergastado e prêso e, ainda, olhado com menos amor e caridade cristãos. Mas para ser livre e independente, o homem teve de lutar incessantemente, heróicamente.

Cumprindo a verdade evangélica, que é um dos mais belos preceitos de Deus, visto que Deus fez o homem à sua semelhança, o mundo como os povos vão sentindo-se melhores, reconhecendo-se, embora, que ainda precisam de quem os defenda de actuais injustiças, dando-se-lhes mais pão para a boca e mais luz para o espírito.

Na Inglaterra democrática e liberal, governada por um rei, com lords e senhores, todos os direitos dos trabalhadores estão soberanamente reconhecidos, tendo até muitos nobres concorrido para satisfazer as aspirações dos seus concidadãos. Na monárquica Bélgica, que tem à sua frente uns reis que a Europa inteira respeita e admira, os seus homens de Estado são os primeiros a descer até aos sindicatos dos trabalhadores para conhecerem de mais perto as suas reclamações e necessidades. Também na Dinamarca, Holanda, Suécia a assistência social aos trabalhadores é perfeita e modelar.

Fazemos propositadamente referência a estas nações por estarem sob o cetro da realeza para que se veja que, apesar disso, aqueles povos têm, a defende-los, leis de protecção e de justiça, não sendo preciso demolir os sistemas políticos por que se regem, sendo até as nações que menos conflitos sociais produzem. E note-se que na Bélgica, como na Dinamarca e Holanda, os seus governos são e tem sido socialistas, se não em maioria, pouco menos, e na Inglaterra os seus governos ou são de Macdonald ou de Lloyd George.

Quando os povos se vêem assim defendidos, não tem que lançar-se em odiantas lutas de sangue, pois os homens que estão à frente dos seus destinos

cumprem o seu mandato de verdadeiros políticos, cuidando do bem-estar dos povos e da paz das nações.

A França, apesar de republicana, não tem leis melhores, mas foi sobretudo esta nação quem primeiro deu ao mundo o nobre exemplo de proteger e garantir a liberdade e os direitos dos trabalhadores franceses.

Está demonstrado que qualquer sistema político pode fazer a felicidade do povo. Resta somente que os indivíduos que representam ou defendem este ou aquele princípio, saibam ser, acima de tudo, verdadeiros homens de critério justo, democrático e cristão. A maior parte das vezes perde-se uma monarquia ou uma república, por culpa dos chefes e não por esta ou aquela estar fora dos tempos modernos. E o que se dá com os regimens políticos, dá-se com a própria Igreja. Esta é e será lam querida e respeitada, tanto quanto mais o padre seja simples e humilde pastor de almas, prégando a verdade, o amor e a caridade. Não há, porém, quem acuse a Igreja de retrógrada, de anti-social? Todavia, nada mais injusto: a Igreja é propulsora do progresso, é social. No seu grémio cabem todas as correntes filosóficas, e Deus não vai condenar às penas eternas um revolucionário do 5 de Outubro porque fez a república, ou premiar um católico porque todos os dias foi à missa: um e outro são, como todos, filhos de Deus, e a igreja, por isso mesmo, cumpre o dever da fraternidade — agasalhando-os, amparando-os, moral e materialmente.

E' deveras interessante a representação que em nome de 3.000 sindicalistas católicos portugueses, foi entregue, pela União Social, ao sr. dr. Oliveira Salazar, ilustre presidente do Governo.

Estamos dentro da verdade quando afirmamos que os povos, mesmo dentro de diferentes ideologias políticas e sociais, caminham para a solidariedade humana e cristã. O homem, no fundo, tem as mesmas aspirações, acalenta as mesmas esperanças, quer seja católico ou ateu, reactionário de Teles Jordão ou adepto de Staline.

Mas, para que se veja melhor, publicamos, a seguir, o texto das

reclamações dos trabalhadores católicos. Só temos que os felicitar, e aos outros sindicatos não católicos, mas com iguais ou semelhantes aspirações de beleza moral, devem prestar aos seus irmãos de trabalho e de sofrimento todo o auxílio de que carecem para que, dentro da república, todos se vejam felizes, isentos de ódios e livres de sobressaltos.

1.º — Que o Governo português procure a realização dum accordo internacional para que em todos os países seja obrigatório a diminuição da jornada de trabalho para 36 horas semanais;

2.º — Tornar mais rigorosa a fiscalização do horário de trabalho, dando uma mais larga atribuição de poderes aos fiscais;

3.º — Estabelecimento do descanso semanal aos domingos, em todo o país e para todas as profissões, com as excepções que o bem comum impuser;

4.º — Concessão de 15 dias de licença por ano, a todos os trabalhadores, sem suspensão de vencimentos;

5.º — Revisão da lei das incompatibilidades de forma a ninguém ser permitido ter mais de um emprego;

6.º — Proibição dos reformados de qualquer categoria social, com pensões superiores a 500\$00 mensais, exercerem qualquer profissão ou emprego quer em serviço do Estado, quer ao serviço de empresas ou estabelecimentos particulares;

7.º — Proibição absoluta da colocação de menores em trabalhos do comércio e da indústria, antes de atingirem a idade de 15 anos e de provarem por certificado competente terem cumprido o preceito da frequência escolar;

8.º — Estabelecimento do cartão profissional, não deixando exercer qualquer serviço do comércio ou da indústria como assalariado a quem não o apresente passado e autenticado pelo respectivo organismo sindical;

9.º — Procurar evitar novos abaixamentos de salários e mais despedimentos de operários e empregados;

10.º — Estabelecimento de salário mínimo para cada profissão, em harmonia com o custo da vida, na localidade onde o trabalho se exercer;

11.º — Concessão do ordenado familiar;

12.º — Actualização da Lei dos Accidentes de Trabalho;

13.º — Criação do seguro social obrigatório, na velhice e invalidez;

14.º — Recomendações às Câmaras Municipais, para darem preferência a trabalhos de higiene moral e social em vez de obras de mero luxo e de utilidade discutível;

15.º — Solução do problema da habitação operária;

16.º — Isentar de contribuições, durante 20 anos, as construções que se venham a fazer de habitações económicas, cuja renda não seja superior a 100\$00;

17.º — Acentuar cada vez mais, o ataque ao analfabetismo, de forma que pela educação e instrução, se levante o nível moral e intelectual dos trabalhadores;

18.º — Activar a construção de edificios escolares;

19.º — Revisão de legislação protectora

Chamamos a atenção da Câmara para o caminho que segue do lugar do Arquinho até ao de Santo André, pois está a ficar intransitável, perdendo-se desta forma umas desenas de contos que uma das anteriores vereações ali gastou, com o louvável intuito de aformosear aquela entrada da cidade.

Esperamos que a ilustre vereação municipal tomará na devida consideração este simples pedido feito em nome do povo daqueles lugares.

Não sabemos responder às perguntas que, constantemente, nos são feitas por os nossos leitores sobre a luz eléctrica, pois que já há muitas noites ela vem pregando a sua partidinha, deixando-os quasi cegos com o seu vai-vem de acende agora para logo se apagar imediatamente, causando arrelias que, juntas com os prejuizos das lâmpadas, não sabem a quem pedir providências.

Achamos, na verdade, justificadas e certas as perguntas feitas. Porém, entendemos que quem melhor saberá responder-lhes são os senhores concessionários respectivos.

Teem, portanto, a palavra os srs. Bernardino Jordão, Filhos & C.ª. ... Ou terá alguém interesse que as Osram e as Phillips se fundam? Seja como for, não pode continuar assim tal estado de coisas, pois quem tem necessidade da luz eléctrica não deve estar sujeito a todos os seus contra-tempos.

Por iniciativa do «Século», vai realizar-se, dentro de poucos dias, a «Semana do Mutualismo», com a realização de sessões solenes nas sedes de socorros mútuos.

São já em número de 34 as Associações inscritas, tendo o grande jornal elaborado um magnífico programa de festas com conferências sobre propaganda mutualista e das vantagens do socorro mútuo.

Não sabemos das resoluções tomadas pela Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesense e Associação Fúnebre Familiar, pois, que nos conste, ainda não deram um passo, dando as suas adesões ao «Século», concorrendo para o brilhantismo da «Semana do «Mutualismo».

Cremos que o «Século» não se esqueceu de pedir a colaboração a estas duas colectividades vimaranesenses, sendo justo, portanto, que as suas Direcções prestem todo o seu auxílio e apoio.

das mulheres que exercem uma actividade profissional;

20.º — Que se procure evitar a diferença existente entre o salário feminino e o salário masculino;

21.º — Que se evite de futuro o ingresso da mulher no funcionalismo público;

22.º — Que se encare com cuidado a formação das corporações evitando-se o mais possível tolher a iniciativa particular e cair nos males do Estatismo que tanto sufocam as energias sindicais;

23.º — Dar a máxima força e enriquecer de prerogativas a Associação, única realidade que ao presente possuímos, no campo da organização operária;

24.º — Como preparação para as corporações, que se estabeleçam comissões com representação dos organismos patronais e operários pertencentes à mesma profissão.

25.º — Aplicação das leis de carácter social aos trabalhadores rurais;

26.º — Que seja criada a Inspecção do Trabalho.

Cumprindo uma promessa

Afinal, os nossos briosos académicos, apesar da sua tenra idade e de serem actualmente em reduzido número, compenetrados de que um vale por dez e dez valem por cem, quando sinceramente bem intencionados por uma causa, resolveram dar o dito por não dito e não deixar no esquecimento a sua Festa predilecta, sempre acolhida com a maior simpatia não só da gente de Guimarães como daqueles que outrora tomaram parte nos inofensivos e interessantes folguedos escolásticos.

Continuam, pois, as «Nicolinas» e, desta vez, segundo nos informam, protegidas por um grupo de velhos (?) entusiastas, o que, sendo verdade, como cremos, mais vem confirmar que a linda Festa académica, apesar de secular e de não precisar de recorrer ao *coiffeur* nem à *manicure*, para impôr sua beleza e distinção, está de tal maneira solidificada, que resistirá sempre a tôdas as intempéries e aos estragos do pernicioso caruncho.

Sempre jovem! Sempre esbelta e donairoza!

Sempre a mesma Festa encantadora a dominar os ternos corações da mocidade!

No entanto, que os jovens académicos não esqueçam que a beleza da sua Festa não está no quísilento abuso de toques de tambor, mas sim nas *Novenas*, no *Bando*, nas *Danças* e na *Entre-ga das Maças*, requintada galantaria, sempre retribuída com meigos sorrisos pelas damas que

*Vem à janela em flôr que o sol aquece e doira,
Receber com saúdades a maçasinha loira!*

E' precisamente nesse ponto que está toda a ternura, todo o encanto e todo o sainete da tradicional *Festa Nicolina*.

A interessantíssima festa dos estudantes vimaranenses, a qual, ainda há bem poucos anos, mereceu elogiosas referências ao ilustre professor sr. dr. José Saraiva, quando, como inspector, visitou o nosso Liceu, referências que sua ex.^a teve o prazer de transmitir, em documento oficial, às estâncias superiores.

Era o culto pela tradição! A querida tradição que um grupo de moços, dominados pelo muito amor à sua terra, fizeram ressurgir, há trinta e sete anos, guiados pela sublime inspiração do dr. Bráulio Caldas e pela formosa imaginação do Padre Gaspar Roriz, dois bons e leais amigos que a Morte nos roubou e dos quais nos lembraremos sempre com a mais profunda e enternecida saudade.

E de resto, como disse o também saudoso poeta vimaranense Arnaldo Pereira no seu formosíssimo *Bando*, de 1902:

Continência à bandeira!
Ordináriu!... Marche!

Os estudantes, e não os intru-

... sos, marchando ao som estridente dos bombos e caixas de rufo:

Podem tirar-nos o 7.º,
Podem correr-nos a pau;
Que jámais impedirão
Nosso amor a Nicolau!

Os caloiros, num apreciado espírito de solidariedade que os impõem à nossa estima e simpatia:

Somos poucos e pequenos,
De pensar independente;
Calça curta também manda,
Granisés também ser gente!

Minerva, a quem este ano uma imperdoável ignorância fez substituir no clássico *Pinheiro* por uma bandeira de chita barata, tal qual como nos mastros anunciadores de cascatas do S. João da Ponte de Santa Luzia ou da Travessa dos Bimbais, como mãe carinhosa, acaricia os filhos seus e entoa esta suavíssima canção vibrante de amor e de muiguice:

Pirolito que bate - que bate,
Pirolito que já bateu;
Vivam, pois, as Nicolinas
E os rapazes do Liceu!

*E êles envaidecidos:
Que bem que cantas, nossa mãe e nossa amiga!*

Perante ti, emudecem os pintarroxos e recolhem a sepulcral silêncio os pintassilgos de três bétas! E's a rainha do solfejo! O Az do dó — ré — mi — fá — sol — lá — si!

Enfim, és a mais dilecta discípula de *madame Euterpe*, uma das Musas que, segundo rezam velhas crónicas, tinha a subida honra de presidir à Música e de cujo cérebro brotou o invento da flauta, sendo, por tal motivo, considerada a primeira flautista do seu tempo!

Depois, rodeando a formosa filha de Jupiter:

Viva Minerva!
Olá! Olá!
Como Minerva
Não há, não há!

Os mestres, sentindo-se feridos pelo ciúme e seguindo o exemplo dos seus antecessores, abrem, finalmente, o peito e declaram-se:

Que rompam os Zabumbas!
— Dizem todos ao Zé Pina—
Não há festa mais bonita
Do que a Festa Nicolina!

A rapaziada, doida de contentamento, recebe entusiasticamente o almejado *acôrdo*, agita as capas, saúda os professores e canta na sua voz doce e cristalina:

(Música da Vareira)

*Vinde pais e vinde mães
Ver isto que não é mau;
Vinde ver a Guimarães
As Festas a Nicolau.*

Côro:

O' Mineiro! O' Mineirinho!
O' Mineiro de Cascais!
Viva a Festa Nicolina!
Viva a nossa Guimarães!

Tutti:

*Folgar... folgar...
E' divertir...
Deixar... deixar
Os novos rir...*

UM VELHO.

O "Notícias de Guimarães" e o NATAL

Como dissemos, é uma ideia em marcha a realização de um espectáculo cinematográfico promovido pelo nosso jornal, cujo produto liquido se destina aos pobresinhos por ocasião da Festa do Natal.

Programa excelentemente escolhido, consta do formoso e interessante filme «CARAS ESQUECIDAS», super-produção em 8 partes, além do *Documentário do País* e *Revista Mundial*, filmes naturais em 1 parte, cheios de beleza e actualidade, e uma hilarante farsa cômica. Abrilhantado por um magnifico quarteto, composto pela ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Policarpo Teixeira, e pelos ex.^{mos} srs. António Guise, José de Magalhães e Manuel Marques Ferreira, que, gentilmente, colaboram nesta Festa de Caridade, de acôrdo com o «Notícias de Guimarães», que, desde já, agradece penhoradíssimo o auxilio de tão prestantes cavalheiros. E isto consola-nos, sobremaneira, pois não estamos sós, tendo a coadjuvação e a solidariedade de pessoas que mostram, assim, o seu desinteresse por uma causa nobre, como é a causa dos tristes e dos humildes.

Segunda-feira, pois, encontra-se aberta a bilheteira do Teatro Gil Vicente, para a venda dos respectivos bilhetes.

A tôdas as pessoas a quem mandámos uma parte dos camarotes, balcões, etc., e que generosamente acederam ao nosso apêlo, muito e muito obrigados!

Círculo de estudos nacionalistas do Pôrto

Ficou adiada para o próximo domingo, 11 do corrente, a anunciada excursão de carácter cultural, à nossa terra, promovida por este organismo nacionalista da cidade do Pôrto.

Citânia

II

Se o turismo no nosso concelho fôr inteligentemente conduzido, como é de esperar, pelo que temos visto no que respeita à Penha, a Citânia muito terá a lucrar. Embora no extremo do concelho, a Citânia, mercê da sua antiguidade, é digna de que olhem por ela e lhe dispensem o carinho a que lhe dá direito a sua velhice. Do turismo, que obriga a despesas, é justo tirar compensações; o caso é sabê-las aproveitar. O lucro não surgirá logo, mas vem depois. Exemplifiquemos:

A Citânia deve ser divulgada e, se isso é difícil, não é impossível. Convinha arranjar um grande número de fotografias de tudo o que de interessante ali se encontra e reduzi-las a bilhetes postais que se venderiam avulso ou em colecções. Seria, igualmente, muito útil a publicação duma monografia simples e portátil, com a descrição singela de tudo quanto a Citânia tem de notável, não devendo, porém, ultrapassar um preço razoável.

Tanto os postais como as monografias, podiam ser vendidas, na Citânia, pelo guarda do monumento, que receberia uma percentagem por este trabalho, o que lhe tornaria a vida mais suave, atendendo a que o salário não poderá ser muito elevado, mórmente, na quadra presente.

O turismo exige, hoje, grandes comodidades. Temos na Citânia, um problema a resolver, que é de relativa importância, pelo menos, no verão.

A subida, embora de auto, em pleno verão, suporta-se facilmente na encosta de Briteiros, que é sombreada pelo pinhal abundante; ao entrar, porém, na vertente de Donim e, ainda, durante um bom percurso, temos de suportar a ardência dos raios solares, visto esta vertente se encontrar desprovida de pinheiros e eucaliptos que tão bem se dão na vertente contrária.

Além do benefício para o visitante, o lançamento de pinheiros ou eucaliptos em toda a vertente de Donim, seria uma futura riqueza para o concelho e daria um aspecto surpreendente a todo o monte, tirando-lhe o aspecto escaldado e pobre que apresenta a serra de Gondomar, também do nosso concelho, mas do outro lado do Ave.

Pode acontecer que estejam em curso algumas providências sobre os casos apontados; se assim fôr só o concelho terá a lucrar com isso.

O que é necessário é não es-

Para as noites de inverno:

Algumas Efemérides Nicolinas:

Depois da revolução de 1820. No 1.º de Dezembro de 1821, o Juiz de Fora, Bento Ferreira Cabral, proibiu as máscaras no dia de S. Nicolau. Os estudantes, em número de 140, assinaram um requerimento a esse Juiz, que foi entregue por Gaspar Teixeira, pedindo-lhe revogasse a proibição, ao que êle acedeu, sob condição do não uso de armas.

Em 1822, a 28 de Novembro, saíu um bando proibindo as máscaras no dia de S. Nicolau. Não obstante a ordem do Intendente Geral da Polícia, no dia 6 de Dezembro alguns estudantes saíram mascarados. (Neste mês, a 13, instalou-se na Rua Nova uma sociedade eclesiástica, intitulada — Sociedade literária e estudiosa de conferências teológicas).

Talvez como desforra, a 12 e 13 de Janeiro de 1823, os estudantes saíram mascarados, acompanhando um carro com o retrato de D. João 6.º, cantando o hino constitucional, e com brilhantes danças. Mas... a 5 de Junho, às 6 horas da manhã, era aclamado, em Guimarães, Rei Absoluto o mesmo D. João 6.º, com uma espantosa festa. E a 27 de Agosto, depois de três dias de Touros no Campo da Feira, os estudantes davam um baile em honra do Visconde de Azenha, Martinho Correia, que, por haver cooperado na revolta de Trás-os-Montes «a favor da realeza», como então se dizia, recebera o título, conjuntamente com o General Gaspar Teixeira, elevado a Visconde do Pêso da Régua,

No dia 5 de Dezembro de 1825, foram presos alguns estudantes por andarem com as caras pintadas e, a 6, as Milícias pegaram em armas para prender os que andassem mascarados. Parece que êles tinham por seu lado o Corregedor e contra o Juiz de Fora. Estas ordens indispuzeram os vimaranenses, verberando-se o caso em muitos pasquins. Como medida de força, a 19, por ordem da Intendência Geral da Polícia, eram prêsos Augusto Vicente e o filho do Palhão, aquele por fazer o bando de S. Nicolau, êste por o haver recitado.

Os bandos escolásticos dos anos de 1817, 1818, 1819 e 1822 foram escritos pelo dr. João Evangelista de Moraes Sarmento, e encontram-se no volume póstumo — *Poesias* —; os dos anos de 1827, 28, 29, 31, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 70 acham-se publicados, por cuidado do dr. João de Meira, na *Revista de Guimarães* — anos 22 e 23.

Entretanto... Logo que chegou a Guimarães a notícia da Independência do Brazil «ficando desde então o sr. D. João 6.º Rei de Portugal com o título de Imperador do Brazil, e seu filho o sr. D. Pedro governando o Brazil como Imperador», cantou-se um *Te-Deum* na Colegiada! A 11 de Abril do ano seguinte (1826) havia a quebra dos escudos por morte de D. João 6.º, cujas exéquias se celebraram na Colegiada, em Julho, com sermão pelo Abade de Santo Adrião de Vizela, o P.^c Evaristo. E, a 31 de Julho — anunciado o dia festivo com uma salva de 21 tiros de morteiro, no Campo do Toural, ao som do hino de D. Pedro, tocado pela música do Regimento 21 —, às 10 horas da manhã, o Cabido, reunido na Casa Capitular, jurara a Carta Constitucional, e, às 3 da tarde, na Câmara, tôdas as autoridades civis e militares, e os empregos públicos.

Os constitucionais porfiavam em luzidas festas. No meio do Toural armou-se um templo, dentro do qual se erguia majestosa a figura da Constituição. E começaram, entre constitucionais e realistas, os doestos, as perseguições, as lutas. Vieram tropas. Vila Real levantara-se por D. Miguel. O General Marquês de Angeja, visita Guimarães. As notícias diziam que D. Miguel, em Viena de Austria, jurara a Carta Constitucional; depois, a dos seus esponsais com a sobrinha, D. Maria 2.^a. Em Janeiro de 27, no Toural, forma em parada o corpo dos Voluntários Reais de D. Pedro 4.º da Vila de Guimarães. A 30, o Visconde de Azenha — Martinho Correia de Moraes Lacerda —, que em Outubro transacto se havia retirado para Espanha, entra em Guimarães com seu filho Bernardo, o Barão de Vila-Pouca e o irmão, alguns oficiais e uns 40 ou 50 soldados de cavalaria da Divisão do Marquês de Chaves, dando vivas a D. Miguel e morras à Constituição. Era a guerra civil. Andam e desandam as tropas. Chegam os ecos dos combates na Ponte do Prado e na Ponte da Barca. A 3 de Fevereiro, *Te-Deum* na Colegiada «pela restauração da legitimidade de D. Pedro». A Câmara manda pôr luminárias por 3 dias (a 31 de Janeiro, na Câmara, o Visconde de Azenha mandara lavar um auto de aclamação de D. Miguel).

E o estudante Sarmento Júnior recitava o Bando:

«Que dias! sócios meus! Vimaranenses!
O' Pátria! ó Lusa! que brilhantes dias
O Sol de Lysia em novo signo entrando
Novos astros reúne, e a luz redoura...

(Continua).

quecer que um monumento, para ser conhecido, precisa ser muito divulgado, por todos os meios ao alcance da terra que o possui e, nem sempre, se tem procedido assim para com a Citânia, bem digna da nossa atenção, carinho e respeito pela sua vetustez.

Cap. Manuel da Silva.

BILHETES POSTAIS

Leitor Amigo:

Recomendo-te a leitura do esplêndido artigo de fundo do *Diário de Notícias*, de 21 do corrente mês de Novembro. E' seu autor o sr. António Ferro. *Política do Espírito* é o seu título. Sendo certo que tu, meu caro leitor, não tens vagar para te debruçares sobre os livros, sendo certo que apenas podes ler os jornais diários, às vezes apressadamente, nos momentos vagos do teu labôr quotidiano, não estranhes que eu chame a tua atenção para determinados artigos, fir-

mados por nomes de alto valor. E' que hoje, em Portugal, felizmente, temos a boa-sorte de verificar a existência de uma pléiade de homens de letras que nos jornais diários de Lisboa e Pôrto, nos deleitam com a sua prosa magnífica, em que as ideias e a forma de as expôr, sobem ao mais alto grau da perfeição literária.

Estamos, a bem dizer, numa época de renascimento intelectual *jornalístico*. Os srs. Agostinho de Campos, António Ferro, João Ameal, Joaquim Costa, Júlio Dantas e Ricardo Jorge, formam um núcleo tam distinto, que dificilmente poderá ser substituído.

Procura, caro leitor, lêr os artigos que êstes nomes subscrevem a cada passo nos diários portugueses, e crê que não perderás o teu tempo. Enriquecerás o teu espírito, já pelo prazer mental que deverás sentir, já pelos conhecimentos intellectuais que a leitura desses artigos, incontestavelmente te dará.

Do teu amigo Zêro.

CHUVA DE RECLAMAÇÕES...

Informam-nos de que têm dado entrada na Repartição de Finanças, dêste concelho, muitas centenas de reclamações sobre as últimas avaliações dos prédios urbanos, mandadas fazer para efeitos de contribuição. Era de prever que êste facto se desse, porque se muitos avaliadores eram competentes, outros — talvez a maior parte — não fôrão *fadados* para exercer cargos desta natureza. Assim o pensamos desde princípio e assim acabamos de o verificar, o que, de resto, se deu por todo o País, não sendo, portanto, uma excepção para a nossa terra. Segundo o que temos ouvido dizer — pois nós também nos confessamos ignorantes em matéria de avaliações — há serviços bem feitos, mas em *contra-partida* há outros que bradam

ao céu, verdadeiros erros de palmatória — por falta de conhecimento das quatro operações aritméticas, a que se aliou a falta de bom senso e de consciência daqueles que, não tendo a competência precisa, não procuram, pelo menos, acertar. Conta-se, a tal respeito, um caso que deve ser o único na história das referidas avaliações. Eis como no-lo contaram:

Um membro duma das comissões avaliadoras teve interferência na avaliação de um prédio seu e, não satisfeito com a pureza de consciência com que tinha procedido, houve por bem apresentar também a sua reclamação.

Sendo verdadeiro êste facto, não é de estranhar que o *chuveiro* das reclamações tenha caído na Repartição de Finanças. Naturalmente, trata-se de um indivíduo *psicósico*!...

precisa fazer a sua
3.ª EXPOSIÇÃO

A exposição concelhia de 1884, foi uma revelação estrondosa ao País do valor manufactureiro, artístico e industrial da população vimaranense.

A exposição concelhia de 1923 confirmou e fortaleceu esses créditos, de-passos que marcara uma extraordinária, uma singular linha de evolução entre o trabalho manual e o trabalho mecânico, com a consequente trajectória do labor doméstico e oficial para o labor fabril.

No próximo ano de 1933 encerra-se o ciclo de uma década; e, todos sabem hoje em dia que, dez anos de progresso, de renovação industrial, representam um somatório de novidades apreciáveis em todas as manifestações do trabalho, nomeadamente nos produtos manufactureiros da grande indústria fabril.

Eis porque em várias circunstâncias tenho propugnado pela realização de um novo certamen expositivo em 1933 — inteligente e honroso número para figurar no programa da celebração do 1.º Centenário Sarmentino, que tem lugar no mesmo ano.

Como remate a estas considerações reproduzo — com a devida vénia — uma carta do meu velho amigo A. dos Santos Graça, antigo parlamentar, dedicado, como os bons poveiros, à nossa terra.

Pelo seu teor se verá que a ideia da realização de um novo certamen — aqui ou noutro lugar — se impõe, para garantir a Guimarães o título de terra produtora por excelência — a mais intensa e mais variada colmeia industrial do Minho.

Meu caro Carvalho—Venho da Exposição Industrial e, com mágoa, verifiquei que Guimarães e o seu Concelho não se encontravam representados. Não há direito. Eu tenho ainda diante dos meus olhos esse famoso certamen que foi a Exposição de Guimarães, que tanto me deslumbrou e comoveu, como português e homem do norte. Eis porque me entristeceu ver que toda essa pujança de vida fabril se escondeu dos milhares e milhares de visitantes da actual Exposição. Não há direito...

E como não há direito de tal fazer, eu venho lembrar-lhe para iniciar uma campanha, activa, enérgica, para que Guimarães daqui a dois anos — ou três — faça em Lisboa, no mesmo Palácio das Exposições, a sua exposição concelhia. Será um successo formidável e sem dispêndio, pois os milhares de forasteiros que a visitem constituirão uma receita grandiosa, de cobrir muitas despesas.

Não precisa ser melhor que aquela que eu vi para pôr toda a gente assombrada. Lembrei-me disto pelo muito que quero a essa terra de trabalhadores, tão amiga da minha que se confundem no seu amor bairrista.

Um abraço do A. Santos Graça.

Póvoa de Varzim, 28-11-932.

Alguns industriais vimaranenses fizeram-se representar na Exposição Industrial Portuguesa, de Lisboa. O espaço, porém, que ali lhes foi limitado, foi tam escasso, que não admira não terem os produtos expostos o destaque conveniente.

Eis porque subsiste a necessidade de tentar em Guimarães a 3.ª Exposição Industrial Concelhia, em 1933.

A. L. DE CARVALHO.

“Notícias,, Desportivo

Foi recebido, como era de esperar, com grande anciedade, o primeiro número do nosso suplemento “Notícias”-Desportivo, cuja publicação se iniciou no passado domingo.

O nosso suplemento de hoje inserirá, além de vária colaboração e informações, o relato do encontro Porto-Lisboa.

Este número foi visado pela Com. de Censura.

O Inverno e as classes trabalhadoras — Auxílio aos desempregados — Considerações várias

Aproxima-se o inverno, quadra pródiga de frios e de chuvas, que traz consigo a miséria a muitos lares onde bôças pequenas e inocentes não teem, muitas vezes, um bocado de pão para comer. Esta quadra inclemente vem geralmente acompanhada de amargas incertezas e expectativas dolorosas para uma grande parte das classes necessitadas.

Naqueles dias de inverneira, quando a chuva fustiga desapiadadamente as coisas e os seres, quantos chefes de família, quantos!, cruzam os braços por não terem a quem os alugar por uns magros escudos com que possam amparar os seus lares?!

Aproxima-se o inverno, e com ele, o receio do dia de amanhã!

Sabe-se, pelas estatísticas oficiais, que o número de desempregados registados, em Portugal, anda à volta de 41.000.

Este número, com a chegada da quadra que já se avizinha, deve subir consideravelmente, porque vai ser engrossada com alguns milhares de braços que as intempéries do tempo obrigam a paralizar.

Para socorrer os desempregados registados, está o Estado a cobrar um imposto, há tempos decretado, para o qual todos os trabalhadores, industriais e patrões, teem que contribuir.

Foi isto, pelo menos, o que ficou estabelecido pelo Decreto que obriga, respectivamente, ao pagamento de dois e um por cento.

Há já um bom par de meses que ele entrou em vigor; e, até agora, não nos consta que um só desempregado — pelo menos cá para o Norte — colhesse dos seus benefícios.

Assim acontecendo, ousamos, pois, perguntar: Quando é que se começa a dispensar aos necessitados o auxílio para que todos nós contribuimos?

Sim! — porque esse auxílio é-lhes dado por nós, os trabalhadores das diversas classes sociais, visto que somos nós os contribuídos para tal fim.

Eu não quero, com isto, dizer que o tempo passado sobre a publicação do Decreto seja demasiado para pôr em ordem as mil e uma coisas indispensáveis para a execução perfeita de tam delicado quan trabalhoso assunto. O que digo, e o que sei, e que toda a gente sabe, é que nos cofres de assistência aos desempregados estão amealhados alguns milhares de contos que estão a fazer imensa falta àqueles a quem a crise colocou na situação de inaptos.

E, sendo assim, torna-se necessário que aquilo que nós estamos a descontar, com sacrifício, vá o mais depressa possível socorrer essa onda enorme de necessitados que, sem culpa, foram atirados para a miséria.

Porque, a continuar-se no caminho que se tem seguido até aqui, nós entendemos que o dito Decreto em nada os veio favorecer, visto que os benefícios distribuídos, até hoje, não são nenhuns, antes pelo contrário: Em antes do Decreto, que obriga ao pagamento de dois e um por cento, qualquer operário ou qualquer industrial dava o seu óbulo para ocorrer às necessidades mais urgentes daqueles que de si se abeiravam. Hoje, não o fazem, — uns porque não podem, outros porque entendem que o não devem fazer, visto que obrigatoriamente estão a contribuir para o seu auxílio. E, acontecendo assim, evidentemente que o Decreto não lhes trouxe benefício algum.

Porisso, e para se evitar esta verdade que é incontestável, evitando-se também possíveis juízos errados, é indispensável que o



Notícias pessoais

Encontra-se entre nós o nosso estimado conterrâneo e professor da Escola Industrial de Viana do Castelo, sr. Amadeu Almeida.

—Deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo e distinto poeta sr. António Vilaça.

Dr. João Neto

Esteve entre nós, regressando, ontem, ao Porto, o nosso querido amigo e distinto poeta, sr. dr. João Neto, ilustre director do nosso prezado colega “O Herald” de Lousada.

Exame de medicina

Na Universidade de Coimbra, concluiu o 4.º ano médico a nossa ilustre conterrânea, sr.ª dr.ª Hedvigés de Azevedo Machado, filha do saúdoso Capitão Júlio Machado.

A S. Ex.ª os nossos cumprimentos de parabens.

Doentes

Tem estado bastante doente o nosso estimado conterrâneo e importante industrial, sr. Amadeu da Costa Carvalho.

—Guarda o leito, muito incomodada, a esposa do distinto médico, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira.

Impostos municipais

Todos os contribuintes sujeitos ao imposto indirecto, e que pretendam continuar no regime de avencas, durante o primeiro trimestre (Janeiro a Março), devem fazer as suas propostas até ao próximo dia 20 do corrente mês de Dezembro. Passado este dia, nenhuma avença se poderá fazer.

Festividade

Promovida pela Mesa da Irmandade de N. S. da Guia, realiza-se na capela da milagrosa Senhora da Guia, no dia 11 do corrente, pelas 8,30, uma Missa solene em honra do Papa S. Dámaso — o grande Papa Vimaranense — estando, durante o dia, a devota Imagem à veneração dos fiéis.

Novenas da Conceição

Começaram, no dia 30, na formosa capelinha de Nossa Senhora da Conceição, da freguesia de Azurém, as novenas em honra da Virgem Imaculada Conceição, Padroeira dos Portugueses.

Estas novenas, que em tempos antiquíssimos eram muitíssimo concorridas de pessoas da melhor sociedade vimaranense, foram decaindo, apenas conservando hoje a sua tradição.

Na proxima quinta-feira, pela Igreja considerado dia santificado, terá lugar na capelinha da invocação da Virgem, uma luzida festividade com missa solene a grande instrumental, sermão e Exposição do S. S. Sacramento.

Como nos anos anteriores, o pitoresco local será muito visitado por pessoas desta cidade, apreciando a feira das tradicionais *passarinhas*.

Governo, que com tam boas intenções pretende, honestamente, resolver este problema, principie imediatamente a subsidiar aqueles que tanto carecem do auxílio que com sacrifício, sim, mas que com boa-vontade, todos nós lhes estamos a prestar.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

PELO CONCELHO

S. Torcato, 2

Várias

Faleceu, na Corredoura, a sr.ª Joaquina de Abreu Lopes, viúva, de 78 anos, irmã do sr. Jerónimo José Lopes, conceituado industrial, da referida povoação, e mãe do sr. José Abreu Lopes, regedor desta freguesia.

— O sr. Presidente da Câmara, mandou suspender, temporariamente, as obras de construção da nova estrada da Corredoura à Castanheira, que há meses foram iniciadas, com grande satisfação e entusiasmo. O facto, que segundo nos informam, é devido a rixas entre dois proprietários em não quererem ceder amigavelmente os terrenos para o seu prosseguimento, tem sido muito comentado, causando descontentamento e prejuizo aos numerosos operários que na construção da referida estrada se empregavam.

— A quem de direito, pedimos providências, no sentido de ser mandada retirar a palha e trapos de uma manta que há muito tempo se encontra num dos corêtos que embelezam o nosso mosteiro, e que serviu de “leito” a uma pobre mendiga que ali permaneceu por alguns dias.

C.

Pevidem, 2

Alexandre R. de Figueiredo

Faleceu, ante-ontem, inesperadamente, nesta povoação, o industrial sr. Alexandre Rodrigues de Figueiredo, da vizinha freguesia de Ronfe.

Esta infausta notícia consternou todos os seus inúmeros amigos, pois o saúdoso finado era possuidor dos mais belos dotes de carácter, muito trabalhador e honesto.

O seu funeral realizou-se, hoje, na igreja paroquial de Ronfe, com grande assistência de pessoas das suas relações e da família assistindo, também, a Oficina de S. José.

A todos quantos pranteiam a morte inesperada do infeliz Alexandre de Figueiredo, apresentamos sentidos pêsames.

Missa

Com numerosa assistência, celebrou-se na segunda-feira, no templo de S. Francisco, uma missa por alma do sr. dr. Domingos Cardoso Martins de Mezezes.

O piedoso acto foi mandado celebrar pelo pessoal da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Falecimento

Em avançada idade, finou-se em Simões, Póvoa de Lanhoso, o sr. Francisco António de Matos, pai do conceituado negociante local sr. Benjamim Constante da Costa Matos.

Aos funerais, realizados naquela freguesia, foram assistir muitas pessoas desta cidade.

A família enlutada apresenta sentidas condolências.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fica-nos de fora vário original, entre o qual a notícia das exéquias por alma de D. Manuel Vieira de Matos.

MOTOR

Vende-se um motor eléctrico, marca A. E. G., da força de 30 cavalos com a voltagem de 220-380.

Falar com EDUARDO & SILVA GUIMARÃIS — R. de S. Torcato.

Sessões Camarárias

Por motivo de ser feriado nacional, pela passagem do aniversário histórico do 1.º de Dezembro de 1640, não reuniu, na última quinta-feira, em sessão ordinária, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães.

EDITOS

João Gomes de Abreu de Lima, Administrador do Concelho de Guimarães.

FAZ SABER que, para os devidos efeitos, a esta Secção Administrativa da Câmara Municipal, baixaram editos do teor seguinte:

Administração Geral

dos
Serviços Hidráulicos e Eléctricos
Direcção dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz público que, nos termos e para os efeitos do art.º 33.º do Regulamento para concessão e estabelecimento das instalações eléctricas de interesse público, aprovado por Decreto de 5 de Janeiro de 1928, estará patente na Direcção dos Serviços Eléctricos, da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, sita na Rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 71, e na Administração do Concelho de Guimarães em todos os dias úteis das 11 às 17 horas, e pelo prazo de 15 dias, a contar da publicação destes editos no “Diária do Governo”, o projecto apresentado pela firma Jordão, Costa & Companhia, com sede em Guimarães para estabelecimento de uma modificação do traçado da linha de alta tenção que vai ao longo da Avenida Cândido Reis, na cidade de Guimarães, até ao cruzamento da Avenida Miguel Bombarda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção, dentro do citado prazo.

Lisboa, 26 de Novembro de 1932.

O Engenheiro Director,

(a) *Ferreira Dias*.

E' o quanto se contém nos referidos editos.

Guimarães, Secção Administrativa da Câmara Municipal, aos 29 de Novembro de 1932.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, Chefe da Secretaria da Secção Administrativa, o escrevi.

O Administrador do Concelho,

João Gomes de Abreu de Lima.

RELÓGIO DE PULSO

Perdeu-se um de prata, com pulseira de metal branco, no dia 1 do corrente pelas 12 horas, á esquina da rua de Santa Maria, para a Avenida Nun'Alvares Pereira. Gratifica-se quem o trouxer á Redacção deste jornal.

GALGO

Desapareceu um com 3 meses, côr preta com a ponta da cauda branca e uma malha da mesma côr na testa. Dá pelo nome de “Norte”.

Gratifica-se quem indicar o seu paradeiro a Alvaro d'Almeida, da Cuca-Vizela, e procede-se contra quem o retiver.

ORIENTAL
A RAÍNSHA DAS PASTAS PARA DENTES
Vende-se nas boas casas desta cidade

ALFAIATARIA
DE
RIBEIRO, FILHO

Sempre grande sortido em fazendas nacionais e estrangeiras para fatos e sobretudos.

9, Largo Franco Castelo Branco, 10

TELEFONE 177

GUIMARÃIS

Restaurante "Arcádia"

Uma das melhores e mais bem montadas casas da especialidade.

Almoços, Chás e Jantares. Serviço de mesa redonda ou à carta. Serviços especiais para Banquetes, Baptizados, Casamentos e Soirées. Executam-se todas as encomendas neste género. — Sempre bons mariscos.

12, Largo do Trovador, 13 — GUIMARÃIS.

Frequentar o «Arcádia» é uma prova de bom-tom!

Casa Salgado

12, R. 31 de Janeiro, 24

GUIMARÃIS

Apresenta bom sortido em fazendas de lã e panos para casaco, malhas em lã confeccionadas, lãs em fio para todos os trabalhos, carapinhas e pluches em cores e preto, meias e peúgas em seda, lã e algodão, riscados, panos brancos, panos crus e flanelas lisas e fantasia. O mais completo sortido em artigos para bordar.

Calçado de agasalho. PERFUMARIAS. Sempre os melhores preços.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefacção primorosa — Moído electricamente

TODAS AS PESSOAS DE BOM GOSTO O PREFEREM

Depositários: FREITAS & GENRO -- 70, Praça D. Af. Henriques, 74

CAFÉ SPORT

Situado no mais aprazível local da cidade, com magníficas vistas para as duas principais praças de Guimarães e para a estância da Penha.

Optimo serviço de café, chá, leite, chocolate, cacau, ovomaltine, etc.

Bebidas nacionais e estrangeiras.

Venda directa ao público de café moído, exactamente igual ao que se vende à chávana.

A SOCIAL

As maiores vantagens

nos

Agência e Pôsto de Socorros:

seguros contra

HENRIQUE GOMES

DESASTRES NO TRABALHO

Farmacêutico - GUIMARÃIS

CASA PIMENTA

33 RUA 31 DE JANEIRO 37

TELEFONE, 180



Alberto Pimenta Machado

As mais recentes novidades em lanifícios nacionais e estrangeiros.

Colossal sortido em casemiras de Coimbra.

Grande saldo de voails de lã pelo preço dos tecidos de algodão.

Querem economisar dinheiro?

Consultem os preços desta casa!

ATWATER KENT RADIO

Esta marca quer dizer que se ouve música de toda a parte do mundo, com grande nitidez e naturalidade, quer dos pontos mais próximos como dos mais distantes. — Receptores para corrente alterna ou continua, de qualquer voltagem. — Alto-falante electro-dinâmico muito potente, com regulador de tonalidade especial de 3 ou 4 vozes. — Dois dedos apenas para manejar com o aparelho. — Conversores de ondas curtas, e aparelhos próprios para Automóveis.

Representante para Fafe **ABÍLIO MARTINS**
- Guimarães - Felgueiras: (ANTIGA CASA JACOME)



Alfaiataria Económica

António Fernandes

"CARRIÇO"

Execução de toda a obra concernente a esta arte.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Rua do Gravador Molarinho, 9 -- GUIMARÃIS

Oficina de Carpintaria

FREITAS & NEVES

Rua Gravador Molarinho, 5 — GUIMARÃIS

Nesta oficina trabalha-se em todo o género de obras concernentes ao seu ramo, tanto por conta particular como por empreitada. Iguualmente se encarrega da construção de ramadas ou leiteiros, em ferro, de qualquer espécie, para o que tem pessoal habilitado. ■ No próprio interesse, devem experimentar, sem receio de desmentido. — PREÇOS SEM COMPETÊNCIA.

Como é possível

vender bom café sem haver a torrefacção e moagem? Chamar a atenção de V. Ex.ª é afirmar-lhes que só a CASA BARBOSA tem, nesta cidade, a torrefacção eléctrica. Experimentem.